

# LITERATURA E HISTÓRIA NOS CONTOS *VOLUNTÁRIO, A QUADRILHA DE JACÓ PATACHO E O REBELDE*, DE INGLÊS DE SOUSA<sup>1</sup>

Lívia Sousa da Cunha<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste trabalho propomos a realização de um estudo sobre os contos *Voluntário, A Quadrilha de Jacó Patacho e O Rebelde*, de Inglês de Sousa, tendo como ponto de partida o texto literário, como objeto fornecedor de subsídios para identificação da realidade de um grupo social. Neste sentido, analisamos os conflitos econômicos e sociais presentes nos contos, observando o diálogo estabelecido entre Literatura e História, e Literatura e Sociedade. A partir desse diálogo verificamos como o texto literário se utiliza dos conflitos e acontecimentos do mundo real e os reconfigura no ambiente ficcional, mostrando que a literatura produzida por Inglês de Sousa possui um caráter social, uma vez que denuncia os problemas enfrentados pela população de Óbidos, no período da Guerra do Paraguai e da Cabanagem.

**Palavras-chave:** literatura, história, sociedade, ambiente ficcional.

## Introdução

Neste artigo, proponho um estudo sobre os contos *Voluntário, A Quadrilha de Jacó Patacho e O Rebelde* de Inglês de Sousa, pertencente ao livro *Contos Amazônicos* formado por nove histórias, sendo estas compostas por fatos comuns, que se relacionam e formam um todo dando à coletânea de narrativas uma unidade temática. Estas páginas trazem para o cenário da narrativa, além da figura humana, que vive uma sequência de embates sociais e políticos, o imaginário amazônico cheio de superstições, crendices e lendas, que dão a algumas narrativas um ambiente fantástico.

O objetivo deste artigo é observar o jogo estabelecido entre o real e o ficcional; verificar como os fatos históricos, a Guerra do Paraguai e a Cabanagem, modificam a vida dos personagens moradores da região amazônica, bem como os conflitos políticos, raciais e sociais são construídos dentro das narrativas.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Professora Doutora Marli Tereza Furtado.

<sup>2</sup> Mestranda de Estudos Literários. Linha de pesquisa: literatura, cultura e história, Instituto de Letras da Universidade Federal do Pará (campus Belém), entrada 2008, orientada pelo Professor Dr. José Guilherme Fernandes. Bolsista FAPESPA. E-mail: lilicunha15@yahoo.com.br

Dentro desta perspectiva faço um estudo teórico acerca das relações estabelecidas entre Literatura e História, Literatura e Sociedade, e Narração e Conto, para depois, fazer uma análise dos três contos. No primeiro momento, é necessário fazer uma apresentação do escritor, do período literário em que seus trabalhos estão inseridos e da obra *Contos Amazônicos*.

### **Notas sobre Inglês de Sousa e sua produção literária**

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em 28 de dezembro de 1853, em Óbidos (Pará). Realizou os estudos primários e secundários em sua terra natal e no Maranhão. Iniciou o curso de Direito em Recife e terminou-o em São Paulo. Depois de formado, atuou na área de jornalismo e na política, foi presidente das províncias do Sergipe e Espírito Santo. Em 1892 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como professor de Direito. Em 1897 participou da fundação da Academia Brasileira de Letras.

Inglês de Sousa, ainda estudante de Direito, publicou em 1876 seus primeiros romances, *O Cacaulista* e *História de um pescador*, ambos sob o pseudônimo Luiz Dolzani. No ano seguinte foi publicado o romance *O coronel sangrado*. Em 1891 foi lançado *O missionário* e, como último trabalho literário, a obra *Contos amazônicos*, que data de 1893.

O escritor paraense faleceu no Rio de Janeiro a 6 de setembro de 1918, deixando sua contribuição na literatura brasileira e principalmente na literatura amazônica, trazendo um cenário diferente do eixo Rio – São Paulo, pois apresenta uma outra parte do Brasil, ainda não conhecida pelos leitores brasileiros, a região amazônica.

Os textos inglesianos não estão presos a uma mera descrição da flora, da fauna ou da geografia dos rios locais, pelo contrário o centro das narrativas é o homem, prova disso é o título geral dado aos três primeiros romances, *Cenas da vida do amazonas*. As duas outras obras, *O missionário* e *Contos amazônicos*, também estão dentro desta visão. O espaço amazônico é um cenário que compõe a vida do homem, mas o que interessa dentro dessas narrativas são as ações, as decisões, os conflitos vividos pelo homem.

A obra de Inglês de Sousa precedeu a introdução do Naturalismo no Brasil. *O coronel sangrado*, de 1877, foi lançado quatro anos antes da obra *O Mulato* de Aluisio

Azevedo, contrariando a afirmação de muitos críticos e historiadores da literatura que o romance de Azevedo foi a primeira obra naturalista brasileira.

Um dos motivos para o não reconhecimento da obra de Inglês de Sousa como iniciadora do Naturalismo no Brasil, apontado por Lucia Miguel Pereira em *Escritos da maturidade* (1994), é que a obra *O coronel sangrado* não encontrou um ambiente preparado para recebê-la. Os leitores e escritores ainda estavam presos à maneira de produzir literatura do Romantismo, por este motivo não lhe foi dado o papel de precursor do movimento naturalista.

O Naturalismo surgiu após a Revolução Industrial, como uma reação aos ideais abstratos do Romantismo. Para Salvatore D'Onofrio, em *Literatura Ocidental e obras fundamentais* (2002), o Naturalismo está ligado às transformações geradas pelo avanço das ciências sociais e aos avanços tecnológicos; tem como característica a resolução dos problemas existenciais e sociais do homem pelo próprio homem, através do condicionamento ambiental, às determinações temporais e às causas biopsíquicas.

O Naturalismo é um estilo literário dominado pelo materialismo, que se apresenta em suas diversas formas: positivismo, determinismo, evolucionismo, cientificismo, liberalismo, ambientalismo, progressismo, contra-espiritualismo, anticlericalismo, sociologismo e ateísmo. Todas essas correntes de pensamentos, que tentam explicar a realidade humana através de estudos científicos, exerceram forte influência na literatura e, por esse motivo, as obras escritas neste momento apresentam um realismo mais consistente do que o apresentado em obras românticas.

Segundo Afrânio Coutinho, em *Introdução à Literatura no Brasil* (1978), o realismo presente nas obras naturalistas destaca uma teoria peculiar, de cunho científico, com uma visão materialista da sociedade e do homem. Nesta estética literária ocorre à tentativa da descrição exata da realidade física e humana, com descrição de pormenores, objetivando uma máxima verossimilhança dos fatos contados.

O principal representante da estética naturalista é o francês Émile Zola, que escreveu *Lê Roman Experimental* (1880), levantando um paralelo das idéias presentes na obra *Introducion à la Medicine Experimental* (1865) de Claude Bernad, com a teoria do romance naturalista que tinha a proposta de apropriação, pelo escritor, do método científico. Desta forma, foi proposto o estudo do homem natural, sujeito as leis físico-químicas, determinado pelo meio, afastando-se do homem subjetivo, abstrato.

Esta literatura produzida no século XIX tem, portanto, o predomínio da personagem sobre o enredo, da caracterização sobre as ações, valoriza os assuntos, as atividades e problemas vividos pelo homem, e vai buscar nas classes mais baixas material para a composição de sua literatura. É o que nos fala Arnold Hauser, em *História Social da Arte e da Literatura*:

O Naturalismo, dizem eles [os críticos conservadores dos anos 50], carece de todo idealismo e moralidade, regala-se na feiúra e na vulgaridade, no mórbido e no obscuro, e representa uma indiscriminada e servil imitação da realidade. Naturalmente, porém, o que perturba os críticos conservadores não é o grau mas o objetivo da imitação (2003, p. 794).

Neste sentido, Hauser (2003) aponta a literatura naturalista como uma literatura revolucionária que quebra os padrões literários defendidos pela crítica, padrões estes pautados na representação de um idealismo. O Naturalismo traz à cena uma parte da sociedade excluída, apresenta a situação de trabalhadores de uma mina, como na obra *Germinal*, de Émile Zola; destaca a maneira como os descendentes de negros são tratados na sociedade maranhense de 1881, como na obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo; e a situação de exclusão vivida pelo tapuio, morador da região amazônica, mostrada nas obras de Inglês de Sousa.

O livro *Contos Amazônicos*, publicado em 1893, no Rio de Janeiro, e dedicado a Silvio Romero, amigo do escritor, traz em sua composição nove histórias, que segundo Sylvia Perlingeiro Paixão (2005), na introdução da terceira edição de *Contos Amazônicos*, podem ser consideradas quase como crônicas de costumes, ou um documento social construído a partir da observação de aspectos da região amazônica.

Estas páginas trazem um homem que luta contra o meio selvagem que o ameaça, apresenta uma sequência de embates sociais e políticos. A sociedade mostrada nos contos é a amazônica de meados do século XIX, e os personagens são moradores marginalizados do interior paraense. Os contos são compostos por fatos comuns que se relacionam e formam um todo, dando à coletânea de narrativas uma unidade temática.

Numa observação mais atenta, é percebido que a literatura produzida por Inglês de Sousa se volta mais para as lutas que envolvem o homem, como a dominação do

mais forte sobre o mais fraco, do que para a força da própria natureza que o faz vítima incapaz de lutar.

Os contos assumem um ar de documentário quando trazem à cena acontecimentos históricos como a guerra do Paraguai, em *Voluntário*, e a Cabanagem, em *A Quadrilha de Jacó Patacho* e *O Rebelde*. Nestes contos é destacada a situação da população de amazônica durante esses fatos históricos, bem como a relação de poder estabelecida entre os dominantes e os dominados. Neste seu último trabalho, como disse Lucia Miguel Pereira, em *Prosa de Ficção: de 1870 a 1920 (1973)*, o escritor paraense volta por vezes ao tom panfletário de suas primeiras obras, produz uma literatura de combate, pois em *O Rebelde* e *Voluntário* o autor toma partido dos mais fracos, dos desfavorecidos, mostrando as injustiças enfrentadas pelos mesmos.

### **Literatura e história**

É relevante apontar como a literatura dialoga com a história, se utiliza de fatos históricos para compor um texto literário, possibilitando encontrar no texto indícios, marcas de um determinado comportamento de época, isto é, o texto é um produto de ideias, concepções e comportamentos de uma sociedade em um dado período de tempo.

É importante ressaltar que não afirmamos ser a literatura um retrato fiel de fatos históricos, pois a obra literária não se afirma como prova de acontecimentos, mas possui uma outra natureza, a ficcional, que se apropria de fatos e experiências do mundo real e os reconstrói num novo ambiente. O texto literário não é, portanto, a verdade real, mas a representação do real.

O discurso produzido no plano literário não anula o plano da realidade, mas penetra no jogo ficcional, criando um desdobramento, que mescla o real e o ficcional. É o que aponta Luiz Costa Lima, em *Sociedade e discurso ficcional* (1986, p. 195): “Afirmamos, sim, que o discurso literário não se apresenta como prova, documento, testemunho do que houve, portanto o que nele está se mescla com o que poderia ter havido; o que nele há se combina com o desejo do que estivesse; e que por isso passa a haver e estar”.

Vendo a literatura por este viés, é perceptível que o texto literário possui uma modalidade discursiva própria, e que por isso exige um tratamento diferente do dispensado ao documento histórico. Faz-se necessário afirmar que, embora pareça

contraditório, apesar do texto literário não ser uma representação fiel do real, ele não deixa de se constituir como um documento, compreendendo agora documento como tudo o que o homem cria em uma dada situação ou em certo período de tempo. Visto que qualquer manifestação, qualquer gesto dentro do texto envolve uma pluralidade documental, portanto, a documentação de tudo o que o homem toca é de variação infinita.

Na história tradicional, o documento é compreendido como uma espécie de meio neutro, em que a ação interpretativa não interfere na catalogação do fato observado. O historiador é apenas um viajante que contava o que vê em suas viagens, de maneira objetiva.

Com a Nova História<sup>3</sup>, a história passou a ser vista como uma enciclopédia, em que tudo merece atenção para se chegar à compreensão das relações estabelecidas pelo homem. Nesta concepção, todos os ramos de conhecimento, como por exemplo, a astronomia, a química, as artes, as ciências sociais, a biologia, a literatura, são considerados relevantes para se entender a sociedade. O historiador moderno está atento a tudo o que envolve o homem, sejam os conflitos políticos, econômicos e sociais, sejam os hábitos mantidos em sociedade ou as diversas situações do dia-a-dia.

Dentro dessa nova compreensão de história, Jacques Le Goff, em *A história nova* (1983), afirma que ocorreu uma ampliação no campo do documento histórico, baseado numa multiplicidade de documentos, tais como escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais etc.

Um aspecto interessante, dentro dessa concepção histórica, é o fato dos pensadores da História Nova considerarem a importante contribuição da literatura, no que diz respeito aos documentos legados pelas sociedades, classificando o texto literário não como documento histórico, mas como um documento literário, que serve para a compreensão do imaginário de uma sociedade.

Lloyd e Kramer (*apud* LYNN HUNT, *A nova história cultural* 1992), nos mostram que, no século XX, a escrita histórica evoluiu por meio de padrões institucionais e intelectuais, mas que esta evolução também gerou um mecanismo de tensão entre os historiadores tradicionais e os historiadores modernos.

---

<sup>3</sup> Movimento iniciado nos Estados Unidos em 1912, que teve como um dos pioneiros Henri Berr, objetivava um alargamento no campo de estudos da historiografia viabilizando um diálogo com outras áreas de conhecimento.

Os historiadores tradicionais consideram que o texto literário não pode ser utilizado como instrumento na pesquisa histórica, visto que o mesmo não serve como documento, pois é ficção. Os historiadores modernos dizem que o texto literário não será tomado como prova do real, mas apenas como um mecanismo que aponta pistas para se estudar uma sociedade.

Nesta perspectiva contemporânea da historiografia são destacadas as contribuições de Hayden White e Dominick LaCapra (*apud* LYNN HUNT, 1992) para a história intelectual, que consideram relevante as estruturas de pensamento e significado simbólico como parte de tudo o que conhecemos como história.

Esse olhar sobre a história defende a ideia de que a literatura, a filosofia e outras linguagens disciplinares nunca podem se separar inteiramente da história, visto que todos esses campos de conhecimento, mesmo que de maneiras diferentes, trabalham com a linguagem. Esse olhar propõe um repensar sobre as fronteiras da linguagem, possibilitando também um repensar sobre as fronteiras da história.

Nessa redefinição das fronteiras da história, White e LaCapra vão em direção à crítica literária e às grandes obras da tradição literária para buscar uma melhor compreensão da linguagem. Nessa aproximação, White e LaCapra não tentam tomar a ficção como fato histórico, mas se utilizam dos textos, que funcionam como documentos reveladores de um lugar, de um tempo ou de uma cultura, para desenvolver suas pesquisas.

O trabalho proposto por White e LaCapra de certa forma reduz a complexidade que envolve a obra literária. No entanto, os objetivos levantados por ambos é o de estabelecer um diálogo entre os vários campos do conhecimento. Desenvolvem neste trabalho uma tarefa bastante ousada, de grande contribuição para a sociedade: tentar compreender o homem em sua totalidade.

### **Literatura e sociedade**

Na reflexão sobre as relações existentes entre literatura e sociedade não se busca a explicação da obra literária ou artística por meio dos fenômenos sociais, mas os mesmos são tomados como ferramenta que possibilita o esclarecimento de alguns aspectos presentes nos textos.

Antonio Candido, em *Literatura e sociedade* (1965), levanta os seguintes

questionamentos: quais as possíveis influências do meio sobre a obra? E em que medida uma obra é social, interessa-se por problemas sociais? É importante dizer que esses questionamentos surgiram bem antes de Candido, no século XVIII, com Vico, Voltaire, Herder e depois no século XIX, com Taine na teoria *momento, meio e raça* tão presente na literatura naturalista.

Para responder tais questionamentos é necessário ter o conhecimento de quais as influências concretamente exercidas pelos fatores socioculturais sobre a arte e como os fatores sociais variam dependendo dos padrões ditados pelo movimento artístico.

Para a sociologia moderna, a resposta para esses dois questionamentos é que a arte é social nos dois sentidos. Como nos fala Candido (1965), ela recebe influências do meio que aparece na obra em diversos graus. A arte também produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta, concepção de mundo, ou reforçando neles alguns valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independente da vontade do artista e dos receptores estarem ou não conscientes desse papel da arte na sociedade.

Neste sentido, compreendemos que a obra de arte é um veículo de troca de conhecimento. Assim como ela retira do meio subsídio para sua composição, se utilizando de situações do mundo real, também contribui como agente transformador das relações sociais. É o caso da literatura, que se utiliza de fatos do meio e os reconfigura no ambiente ficcional. Desta forma, dá-se um trabalho com o texto, mais especificamente com a linguagem, tornando-a capaz de produzir um efeito na conduta e concepção de mundo do leitor.

Outro aspecto social presente na literatura está ainda na própria linguagem, que marca uma divisão social, como por exemplo, o público a quem a linguagem está direcionada, incluindo ou não alguns grupos sociais, sem falar que a literatura escrita já exclui grupos que não têm acesso ao código escrito.

É possível destacar, ainda, que o texto literário é um instrumento riquíssimo para se observar as relações políticas e de trabalho dos vários grupos que compõem a sociedade.

Para Fábio Lucas, em *O caráter social da ficção do Brasil* (1987), a perspectiva social só se faz presente no texto literário quando o personagem ou grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade. Neste sentido, o personagem não

pode viver um conflito ou tensão isoladamente. Para que a obra tenha um caráter social é necessário que o conflito vivido pelo personagem componha um quadro maior, como é apontado por Fábio Lucas:

O ficcionista social, do nosso ponto de vista, será aquele capaz de representar nos seus tipos e heróis a perdida unidade do homem, isto é, fixar aquele ser a quem roubaram horizontes, mas que aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila. Ao desvendar mecanismos ocultos, a personagem, pode tanto estar encontrando a gênese de sua mutilação e denunciando-a, quando se agregando a todos em igual situação para a superação do sistema que os coisifica e esmaga (1987, p. 8).

No trecho em destaque, Fábio Lucas diz que a obra possuidora de um caráter social propõe a instauração de uma consciência crítica, que, saindo do comum, é possível se chegar à essência do problema. O texto literário de cunho social traz à cena o problema e põe a mão na ferida, mostrando os fatores geradores de tensões. Desta forma, Fábio Lucas afirma que, quando a literatura mostra os males sociais e os explica por meio de noções mágicas e fatalistas, não há um comprometimento real com os problemas sociais.

Diante desta observação sobre as relações entre literatura e sociedade, podemos apreender as inúmeras formas de troca de conhecimento entre ambas as áreas e que o estudo da sociedade pode servir como um instrumento para o entendimento do texto literário, bem como o texto literário pode ser usado como um mecanismo para se conhecer um pouco sobre uma determinada sociedade.

Neste diálogo entre literatura e sociedade, não se pretende a tomada da obra literária como um retrato da sociedade, o objetivo é refletir sobre como a literatura busca matéria-prima (fatos, costumes e problemas sociais) e os recria no plano ficcional. Este trabalho no plano ficcional não nos impede de extrair de textos resquícios, rastros de fatos ocorridos em um dado período de tempo, em um grupo social. Por este motivo é considerado importante esse jogo de compreensão feito entre essas duas áreas.

## **Narrativa e conto**

A ação de contar fatos (narração) é um exercício que faz parte das muitas

habilidades de uso da linguagem. Esse exercício pode ser feito de maneira oral ou escrita. Todos contam ou escrevem, ouvem ou leem narrativas de diversos tipos, tais como piadas, romances, novelas, contos, etc. O ato de narrar permeia o nosso dia-a-dia, nos fazendo entender por meio dele desde a infância.

Para Salvatore D'Onofrio, em *Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa* (1995), a narrativa é um fato real ou imaginário contado, tendo como participantes personagens, que desenvolvem ações num tempo e num espaço. A narrativa não está ligada somente ao romance, ao conto ou à novela, mas também ao poema épico, alegórico e outras tantas maneiras de relatar acontecimentos.

Segundo Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, em *Dicionário de teoria da narrativa* (1988), a narrativa, enquanto modelo literário, não se mantém imutável às transformações ideológicas trazidas pelos estilos literários. A narrativa muda e ganha detalhes, de acordo com a intenção proposta pela escola literária. É o caso dos estilos literários Realismo e Naturalismo.

No Realismo, a narrativa proporciona uma descrição da sociedade e uma análise social, uma das maiores tônicas desse movimento. O Naturalismo também se utiliza da narrativa para trazer à cena fatos e comportamentos, que são contados de maneira minuciosa, tornando a narrativa lenta e detalhista, para alcançar os objetivos da escola. Dentre os vários tipos de narrativas, nos deteremos no conto, alvo do artigo em questão. Em *Como analisar narrativas*, Cândida Vilares Gancho (1998), nos diz que o conto é uma narrativa curta, cuja característica principal é condensar conflito, tempo, espaço e diminuir o número de personagens. Angélica Soares em *Gêneros literários* (1997, p. 9) nos fala que: “Ao invés de representar o desenvolvimento ou corte na vida dos personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo”.

Alfredo Bosi, em *O conto brasileiro contemporâneo* (1997), diz que o conto assume formas variadas, aparece em alguns casos como quase-documento folclórico, quase-crônica da vida urbana, quase-drama do cotidiano burguês, quase-poema do imaginário. Desta forma, o conto mostra-se possuidor de uma estrutura plástica, que dificulta o trabalho do teórico de literatura, quando busca classificá-lo num quadro fixo de gêneros. Bosi, ainda mostra que o conto apresenta um modo breve de ser, que leva o

escritor a um trabalho mais intenso com as técnicas de invenção e na estruturação do texto como um todo.

### **Voluntário**

Em linhas gerais, o conto *Voluntário* apresenta a história de Rosa e Pedro, moradores de Óbidos, que levam uma vida tranquila. Rosa tecia redes e Pedro pescava e caçava, dessas atividades tiravam os seus sustentos. Tudo corria bem até o dia em que Pedro foi recrutado pelo capitão Fabrício para voluntário na Guerra do Paraguai. Rosa faz de tudo para impedir o embarque do filho para a guerra, paga um advogado, o narrador da história, mas mesmo assim Pedro é mandado para o combate. A narrativa chega ao fim com a mãe de Pedro louca cantando uma quadra popular.

O ponto de grande destaque neste conto são os problemas gerados pela Guerra do Paraguai (1864-1870), uma das mais violentas guerras ocorridas na América do Sul, entre paraguaios e os membros da Tríplice Aliança, brasileiros, argentinos e uruguaios, e os efeitos da mesma na vida dos brasileiros pertencentes às classes desprivilegiadas.

Este conto, assim como os dois outros contos alvo deste estudo, se utiliza de fatos históricos para construir a narrativa. Como já foi dito neste trabalho, a partir da leitura de Luiz Costa Lima (1986), o texto literário mescla o que houve com o que poderia ter havido, é o que faz Inglês de Sousa nestes contos.

O primeiro aspecto merecedor de nossa atenção é o próprio título do conto, *Voluntário*, que marca a ironia existente em todo o texto, pois na verdade ninguém se apresenta de livre vontade para guerra, o que ocorre é um recrutamento violento e cruel, como é percebido ao longo da narrativa.

O segundo aspecto ainda relacionado ao título do conto apontado por Paulo Maués Corrêa, em *Contos selecionados de Inglês de Sousa* (2005), é a ausência do artigo antes do substantivo, marcando um índice de indeterminação quanto ao protagonista, que permite o entendimento de que este é uma representação de um tipo ou classe social, ou seja, a palavra “voluntário” abrange todo um grupo que foi obrigado a lutar na guerra do Paraguai, e não somente Pedro, o protagonista da história.

É importante destacar que, neste conto, não são narradas as possíveis glórias alcançada com a guerra, mas a situação de medo enfrentada pelos moradores de Óbidos.

Podemos compreender que Óbidos simboliza as várias outras cidades do interior do Brasil, que foram afetadas pela guerra.

A ação do recrutamento é um ponto de grande relevo na narrativa, é em torno deste fato que giram os problemas dos personagens centrais. O recrutamento é também um divisor de classes sociais, visto que para a classe de maior poder aquisitivo, o recrutamento é encarado com entusiasmo, mas para a classe desprivilegiada o recrutamento gera medo e fugas. Como verificamos no trecho:

Nas classes mais favorecidas da fortuna, nas cidades principalmente, o entusiasmo foi grande e duradouro. Mas entre o povo miúdo o medo do recrutamento para voluntário da pátria foi tão intenso que muitos tapuios se meteram pelas matas e pelas cabeceiras dos rios e ali viveram como animais bravios sujeitos a toda espécie de privações (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 8).

O texto todo é marcado por críticas à maneira como ocorria o recrutamento, feito por meio da força e da violência. O conto exemplifica toda essa problemática vivida pela classe de menor poder aquisitivo, do interior da Amazônia. A narrativa conta a história de Pedro, único filho da viúva Rosa, que é recrutado. A cena do recrutamento é marcada pela brutalidade e pela luta, pois Pedro reage contra os guardas, e é espancado juntamente com Rosa. Vejamos a cena final:

Foi uma cena terrível que teve lugar então. A Velha Rosa, desgrenhada, com os vestidos rotos, coberta de sangue, soltava bramidos de fera parida. Pedro estorcia-se em convulsões violentas e os soldados não conseguiram arredá-lo da mãe. Fabrício, ordenando que levasse o preso, lançara ambas as mãos aos cabelos da velha, puxando por eles, procurava conseguir que largasse as roupas do filho. Os guardas impacientes e coléricos desembainharam as baionetas e começaram a espancar alternativamente a mãe e o filho, animados pela voz e pelo exemplo do sargento, ainda pálido do susto que sofrera (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 15).

Outra passagem, que revela uma crítica ao próprio governo brasileiro está presente, no trecho a seguir:

A ignorância dos nossos rústicos patrícios, agravadas pela imprensa oficiosa, dando ao nosso governo o papel de libertador do Paraguai (embora contra vontade do libertando o libertasse a tiro), não podia reconhecer no ditador o que realmente era: uma coragem de herói,

uma vontade forte, uma inteligência superior ao serviço de uma ambição retrógrada (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 8).

Esta passagem traz uma denúncia, os libertados (os paraguaios) não queriam essa libertação feita de maneira violenta, essa libertação não estava ligada a uma preocupação com o bem estar da população paraguaia, mas a uma ambição particular do governo brasileiro e dos outros governos envolvidos na guerra.

A narrativa também expõe as relações de poder, o mais forte subjugando o mais fraco. Os moradores simples da cidade de Óbidos aparecem apavorados com a possibilidade de serem recrutados pelos guardas. Neste sentido, são narradas as misérias, a humilhação, a violação de mulheres, e outras formas de violência enfrentadas pelos tapuios. Como no trecho:

[...] naqueles tempos calamitosos, em que o pobre só se jugava a salvo do despotismo quando nas mãos do senhor de engenho, do fazendeiro, do comandante do batalhão da guarda nacional abdicava a sua independência, pela sujeição a trabalho forçado mal ou nada remunerado; a sua dignidade pela resignação aos castigos corporais e aos maus-tratos; e honra da família pela obrigada complacência com a violação das mulheres (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 9-10).

Uma cena que marca bem a situação de poder entre os guardas e os tapuios é aquela em que os tapuios cruzam as ruas da cidade até o porto para embarcarem para a guerra. Nesta cena os tapuios seguem como *carneiros levados em récua para o açougue, levados nas garras da justiça*, obrigados a *representar a comédia do voluntariado*, mostrando a humilhação sofrida por esta classe marginalizada.

O texto também denuncia a corrupção, quando o advogado de Pedro e narrador da história, se mostra indignado com o juiz, que é conivente com a polícia ao burlar as leis permitindo o embarque do único filho de uma viúva. Como se verifica na fala do juiz: “— Colega, você ainda é muito moço. Manda quem pode. Não queira ser a palmatória do mundo” (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 24). Esta fala aponta a corrupção nas várias relações de poder dentro da sociedade.

A narrativa tem seu desfecho com uma última ironia, presente no único momento em que a tapuia Rosa tem voz no texto “Meu anel de diamante/ caiu n’água e foi ao fundo; / \_ os peixinhos me disseram: / viva Dom Pedro segundo!” (*Contos*

*Amazônicos*, 2005, p. 24), a quadra popular exalta a monarquia, que levou vários brasileiros para morte.

Como foi possível perceber, o conto é um protesto e uma denúncia, como nos disse Vicente Salles (1990), na introdução de *História de um pescador*, acerca da guerra do Paraguai. O texto literário se configura como um documento de crítica social, que traz em suas páginas as relações de poder estabelecidas por grupos sociais, bem como revela aspectos políticos da sociedade do interior paraense do século XIX.

Mediante essas observações, verificamos um caráter social neste conto, pois não temos um personagem vivendo um conflito isolado, pelo contrário, temos um personagem representante de todo um grupo social, Pedro, sua sorte exemplifica a sorte de muitos outros homens levados para lutar em uma guerra que não era sua. Temos nesta narrativa o que nos aponta Fábio Lucas (1987) sobre obras que possuem uma perspectiva social e trazem em suas composições um quadro maior da sociedade.

A narrativa de Inglês de Sousa expõe uma população que sofreu diretamente com a guerra, e vai mais além, denuncia um recrutamento *voluntário* e as falsas intenções libertadoras do governo brasileiro. Desta forma, não temos um narrador que apenas conta fatos corriqueiros de uma população de meados do século XIX, mas um narrador que mostra o outro lado de uma guerra, o lado das arbitrariedades, das violências, das separações de classes sociais. Temos, então, uma visão diferente, no plano ficcional, sobre um fato histórico.

### **A Quadrilha de Jacó Patacho**

A narrativa tem início com uma reunião costumeira de família, o jantar no sítio de Félix Salvaterra. Retrata a chegada de dois caboclos, João e Manuel, que são bem recebidos e abrigados na residência. Mas no meio da noite a tranquilidade é quebrada, pois os dois viajantes juntamente com o grupo de Jacó Patacho tomam de assalto o sítio. Acontece uma briga no interior da casa e Salvaterra e seus filhos são assassinados, Manuel também é morto. As duas mulheres pertencentes a essa casa, Maria e Anica, são levadas como prisioneiras. O conto termina com uma visita do narrador ao sítio de Salvaterra abandonado.

A *Quadrilha de Jacó Patacho* tem como foco central a Cabanagem, fato histórico ocorrido durante o século XIX, que teve início em 7 de janeiro de 1835 com a

invasão de Belém por uma multidão liderada por Francisco Pedro Vinagre, e o fim em 25 de março de 1840, quando o último grupo, liderado por Gonçalo Jorge de Magalhães, se rendeu.

Este conto assim como *O Rebelde*, mostra as impressões deixadas no tempo da Cabanagem, o sentimento de medo, que envolvia principalmente as famílias portuguesas. Destaca as crueldades cometidas pelos revoltosos no período de 1832 e 1833, chamado de pré-cabano, época marcada por conflitos políticos e sociais.

O conto *A Quadrilha de Jacó Patacho* caracteriza bem o papel de vítima dos portugueses, quando qualifica a família de Félix Salvaterra como “honrada” e possuidora de uma *consciência honesta*, e o papel de vilão dos cabanos, quando descreve os revoltosos como um aspecto feio e repugnante, *figura baixa e beixigosa, nariz roído de bexigas, boca imunda e servil*.

A narrativa retrata uma cena comum nos tempos de cabanagem, revoltosos que invadem casas e matam portugueses. Esses crimes praticados pelos cabanos são apontados no texto: “eram donzelas raptadas para saciar as paixões dos tapuios; pais de família assassinados barbaramente; crianças atiradas ao rio com uma pedra ao pescoço; herdades incendiadas, [...]” (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 116).

O clima de medo envolve os personagens neste período histórico. A personagem Maria, esposa de Félix Salvaterra, exemplifica este comportamento de constante preocupação, mantendo-se apreensiva com o barulho da chegada de viajantes, como é constatado no trecho: “A estas horas — opinou a sora Maria dos Prazeres — não pode ser gente de bem [...] A sora Maria continuou a mostra-se apreensiva.” (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 112).

Ao longo de toda a narrativa, é perceptível ao leitor, um ambiente de tensão, a todo momento sentimos que algo ocorrerá para quebrar o ambiente tão tranquilo da casa de Salvaterra. Um momento de grande tensão no conto é a hora em que todos se recolhem e Anica começa a se perguntar de onde conhece o tapuio abrigado em sua sala. A tensão cresce juntamente com a agonia e o medo, quando a personagem descobre que já havia visto aquele homem, vejamos o trecho abaixo:

[...] Sim, era aquele mesmo; não era a primeira vez que via aquele nariz roído de bexigas, aquela boca imunda e servil, [...]. Já uma vez foi insultada por aquele olhar. Onde? Como? Não podia lembra-se, mas com certeza não era a primeira vez que o sentia. Invocava as suas

reminiscências. No Funchal não podia ser; no sítio também não fora; seria no Pará quando chegara com a mãe, ainda menina, [...] Fora em Santarém, havia coisa de dois anos ou três, [...] Sim, nenhuma dúvida mais podia haver, o homem era um agregado de Joaquim Pinto, um camarada antigo da casa, por sinal que, segundo lhe disseram as mucamas da mulher do Pinto, era de Cameté e se chamava Manoel Saraiva (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 118).

Após esses primeiros instantes, a personagem descobre que o hóspede faz parte da quadrilha do tão falado Jacó Patacho, então, inicia-se um novo momento de tensão, avisar os pais e os irmãos sobre a identidade do tapuio, como verificamos no trecho a seguir:

A ideia da identidade do tapuio que dormia na sala vizinha com o tenente de Jacó Patacho gelou-a de terror. [...] Saltou da cama, enfiou as saias e correu para a porta, mas a reflexão fê-la estacar, cheia de desânimo. A sala em que este se aboletara interpunha-se entre o seu quarto e o de seus pais, para chegar ao dormitório dos velhos era forçoso passar por baixo da rede do caboclo, que não podia acordar, principalmente ao ruído dos gonzos enferrujados da porta que, por exceção e natural recato da moça, se fechara aquela noite (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 119-120).

Esse ambiente de tensão é um elemento de grande importância no conto, pois é por meio desse recurso que o narrador desenrola as ações da narrativa. Constrói um ambiente de incertezas, e mostra a presença do perigo que rodeia os personagens. A existência do perigo é expressa no comportamento das personagens Maria e Anica, que se mantêm preocupadas e apreensivas.

Este conto aparece como um recorte dos muitos dias de luta dos cabanos enfoca uma única ação, a invasão do sítio pertencente à família de portugueses. Traz para o plano ficcional uma única visão sobre o movimento cabano, mostrando os revoltosos como vilões, que invadem casas de pessoas honestas, como a de Félix Salvaterra, que matam, roubam, e raptam mulheres. Apresenta as brutalidades praticadas pelos tapuios, mas não expõe seus motivos, o que os levou a tanta violência, não enfatiza a maneira miserável de sobrevivência dos tapuios.

Neste conto, temos um narrador que aponta apenas um lado da situação, não a mostra em sua totalidade, nas suas várias razões de ser. O narrador não conta a violência praticada pelo outro lado, a violência cometida pela polícia que tentou conter o movimento, e não mostra as brutalidades cometidas pelos portugueses contra os tapuios.

Apesar de destacar apenas uma visão sobre o movimento cabano, a narrativa tem o seu valor para a realização de um estudo sobre a sociedade existente neste período. É importante dizer que não temos o conto como documento histórico, pois ele não é um retrato fiel da realidade, mas temos um documento literário, que apresenta fatos do plano real no ambiente ficcional. É o que nos aponta Antonio Candido (1965) acerca das relações existentes entre literatura e sociedade; mostrando que a literatura retira matéria-prima do espaço da sociedade, se apropria de conflitos políticos, econômicos e sociais e os ambienta no texto literário.

A *Quadrilha de Jacó Patacho* apresenta esse jogo entre literatura e sociedade, o narrador se utiliza de um fato histórico, a Cabanagem, para criar personagens que interagem em uma situação de crise social. Essa troca entre literatura e sociedade permite ao leitor, ainda hoje no século XXI, a realização de uma reflexão sobre os problemas sociais enfrentados pelos moradores do Pará durante este período da Cabanagem. Neste sentido, há uma relação de contribuição, a sociedade serve de instrumento para a criação literária, e a literatura viabiliza um repensar sobre a estrutura de uma determinada sociedade.

## **O Rebelde**

De maneira geral a narrativa traz a história do personagem Luís, ainda criança. Mostra a amizade entre Luís, Julia e Paulo da Rocha, um homem desprezado por toda a população de Vila Bela, por ter participado da revolta de 1817 em Pernambuco. Com a Cabanagem o clima fica tenso em Vila Bela. Os cabanos invadem o lugarejo, matam Guilherme da Silveira, pai de Luís, português e juiz de paz do local. Paulo salva o filho e a esposa do juiz, fugindo juntamente com o padre e Julia para o sítio da velha Andresa.

O texto segue contando as várias situações vivenciadas pelos personagens no sítio. Paulo mostra-se um grande amigo e protetor dos refugiados. Como último problema, Paulo tem sua filha capturada pelos revoltosos, que propõem uma troca de Julia pelo filho do juiz, e mais uma vez Luís é salvo, pois Paulo não faz a troca. O conto termina com Luís, já adulto, reencontrando Paulo que havia sido preso como um dos revoltosos. Luís consegue a liberdade de seu amigo, mas Paulo morre logo em seguida.

O conto relata a história do povoado de Vila Bela ou Vila Nova da Rainha, nos tempos de Cabanagem. Destaca a mudança no comportamento da população, bem como a situação de pânico vivida pelos moradores, e as tentativas para solucionar os problemas da Vila, realizadas pelas pessoas mais gradas do local, como por exemplo, o tenente coronel e o juiz, que se reuniam para pensar em meios de resistência aos cabanos.

O primeiro aspecto que merece atenção é o próprio título do conto *O Rebelde*, pois quando lemos esse título nos perguntamos: Quem é o rebelde? Por que é rebelde? Essas perguntas têm suas respostas ao longo do texto. A primeira resposta para essas perguntas é que Paulo da Rocha é o rebelde, pois participou da revolta de Pernambuco e, é visto pela sociedade de Vila Bela como um velho rebelde. Depois é possível também entender que o narrador, o personagem de Luís, é o rebelde, pois o garoto mostra-se possuidor de um espírito rebelde, como se verifica no trecho abaixo:

Desde a mais tenra infância, vivi sempre em contradição de sentimentos e de idéias com os que me cercavam: gostava do que os outros não queriam, e tal era a predisposição malsã do meu espírito rebelde e refratário a toda a disciplina que o melhor título de um homem ou de um animal à minha afeição era ser desprezado por todos (Contos Amazônicos, 2005, p. 131).

Os dois amigos, Luís e Paulo, têm um espírito rebelde. Essa é a grande marca dos personagens, mas o personagem de grande destaque no conto é Paulo da Rocha, que aparece como uma voz de experiência (ele é um homem velho); ele representa o conhecimento (tinha o hábito de ler) e a rebeldia (participou da revolta em Pernambuco, e apoia de certa forma a luta dos cabanos); é também o *velho do outro mundo* (figura lendária para os garotos) e um presságio funesto para o pai de Luís (quando aparece na porta da casa antes da invasão dos cabanos). Mas acima de tudo, Paulo da Rocha é um grande herói, um homem honesto, simples, que tem consciência de sua situação social e que é capaz de renunciar muitas coisas para salvar um grupo de amigos.

A narrativa traz duas visões sobre o movimento cabano: uma que condena a revolta, visão dos brancos, portugueses, pessoas que detinham o poder; e outra que mostra ser justa a luta dos cabanos, visão defendida pelos grupos excluídos.

A visão que condena o movimento cabano está presente em alguns momentos, como por exemplo, quando se apresentam as práticas cruéis realizadas pelos cabanos,

como no trecho a seguir: “[...] Diziam de homens queimados vivos, de mulheres violadas e esfoladas e do terrível correio, suplício que inventara a feroz imaginação de um chefe. Consistia em amarrar solidamente os pés e as mãos da vítima e embarcá-la assim em uma canoa que, entregue à correnteza do rio, abria água com poucos minutos de viagem” (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 148-149).

Outro ponto em que aparece essa visão é no momento em que Luís considera justo o castigo dado ao revoltoso Matias Paxiúba. Como verificamos no trecho: [...] É verdade que Matias o acusava de lhe ter mandado infligir umas chicotadas às grades da cadeia, mas tal fato nunca se provou, e por minha parte o digo que se meu pai se deixou levar a tal extremo, certamente o Paxiúba o mereceu (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 149-150).

A fala de Paulo da Rocha aparece no texto como mecanismo revelador da situação social dos cabanos, apresenta, portanto, a segunda visão acerca do movimento, expõe os motivos que levaram este grupo à revolta, bem como denuncia a situação social deste grupo. Vejamos o trecho em que Paulo da Rocha se coloca como defensor dos cabanos e assume a mesma condição marginalizada dos revoltosos:

[...] Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miséria levou à rebelião! Uns pobres homens cansados de viver sobre o despotismo duro e cruel de uma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler e que não tem pão... e cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos [...] e quem disse ao senhor padre João que eu, Paulo da Rocha, o desprezado de todos em Vila Bela, seria capaz de pegar em armas contra os cabanos? [...] (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 144)

Embora Paulo da Rocha defenda a causa dos cabanos, ele não concorda com a violência praticada pelos revoltosos, “[...] estou longe de aprovar os morticínios que têm feito os *brasileiros* por toda parte” (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 147).

Dentro desse conflito racial e social, traz-se à cena a relação conquistador versus conquistado, o personagem de Guilherme da Silveira, juiz de paz, português, versus o de Paxiúba, o brasileiro, que sempre tiveram divergências, como podemos ver no trecho a seguir: “[...] parecia que todo o ódio das duas raças, a conquistadora e a indígena, se tinham personificado naqueles dois homens, cujos nomes eram o grito de guerra de cada um dos partidos adversos” (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 150). Esses dois personagens

caracterizam bem essa luta entre o conquistador, representando a *civilização*, a *ordem*, a *luz*, a *abastança*, e o conquistado representando a *ignorância*, a *superstição*, o *fanatismo*.

O texto também revela a crueldade dos guardas, que fazem um cerco ao grupo de Matias Paxiúba, matam homens, mulheres e crianças. Os guardas também acham natural todas as brutalidades cometidas contra os revoltosos e só lamentam ter conseguido um único prisioneiro. Como é percebido na fala do tenente-coronel Miranda:

Atirando-se à água. Muitos deles foram mortos a tiro, outros se afogaram, alguns foram comidos de jacarés. Quando descobri a fuga mandei ativar o fogo. Ardeu das palhoças. [...] – Os que não se atiraram à água foram poucos. Mulheres e crianças morreram queimadas. Era natural. Nós não lhes podíamos acudir. O que é lamentável é que só se fizesse um prisioneiro, mas esse era de muita importância (*Contos Amazônicos*, 2005, p. 196).

Temos, então, neste conto duas maneiras de ver o movimento cabano, uma que condena o movimento, e a outra que mostra ser justa a luta por melhores condições sociais, reivindicada pelos cabanos.

Nesta narrativa, diferente de *A Quadrilha de Jacó Patacho*, temos uma visão mais ampla sobre os acontecimentos envolvendo os cabanos e portugueses. Pode-se ver a violência praticada dos dois lados, dos cabanos e dos guardas que tentam controlar a revolta. Temos, aqui, um documento literário, que contribui (com pistas) para revelar um lugar, um tempo e uma situação histórica.

Assim como White e LaCapra, (*apud* LLOYD e KRAMER, 1992) em suas contribuições para historiografia moderna, não afirmamos que o texto literário é um documento histórico, que comprova uma realidade, mas que ele pode ser tomado como instrumento para se desenvolver pesquisas acerca de uma determinada sociedade.

### **Considerações finais**

Neste artigo procurei, a partir da leitura dos contos, *Voluntário*, *A Quadrilha de Jacó Patacho* e *O Rebelde*, de Inglês de Sousa, observar as relações existentes entre literatura e história, literatura e sociedade, atentando para a realidade ficcional de uma

sociedade do interior amazônico, em meados do século XIX. Essa sociedade é marcada pela influência direta da Guerra do Paraguai e da Cabanagem.

A partir dessa constatação, que os contos de Inglês de Sousa abordam fatos históricos, aponte a partir dos textos literários à maneira como ocorre a construção desses acontecimentos, mostrando que a literatura não é tomada como prova, documento comprovador de um fato histórico, mas como instrumento que proporciona pistas de acontecimentos vividos por uma determinada população.

No âmbito das relações entre literatura e história, o primeiro aspecto que prendeu minha atenção foi à maneira como são enfocados os fatos históricos. Em *Voluntário*, temos a narração da Guerra do Paraguai, que mostra o outro lado da situação, as relações de poder entre o mais forte e o mais fraco, temos a classe mais baixa oprimida pela guerra, pois são os membros dela, que são levados à força como *voluntários*. E do outro lado vemos os membros da classe mais favorecida demonstrando entusiasmo, pois sabem que não serão forçados a lutar.

Em *A Quadrilha de Jacó Patacho*, temos uma única visão sobre o movimento cabano. Mostra a ação de uma quadrilha de revoltosos que invadem um sítio. Neste conto é enfatizada a violência e a brutalidade praticada pelos tapuios, restringindo-se a visão da classe dominante, que não enxerga os porquês da revolta, a luta do homem marginalizado por melhores condições de vida.

O conto *O Rebelde* mostra duas visões acerca da Cabanagem, aponta a violência praticada pelos revoltosos, mas também conta as brutalidades cometidas pela guarda pertencente ao governo brasileiro. Desta forma, o conto vai mais além que *A Quadrilha de Jacó Patacho*, não se prende apenas a uma versão da Cabanagem, pois possibilita ao leitor uma reflexão sobre as ações praticadas pelos dois lados. A partir da leitura de Candido (1965) e Fábio Lucas (1987), observei as relações entre literatura e sociedade, as influências da sociedade sobre a obra, e da obra sobre a sociedade. Contatei que neste jogo entre literatura e sociedade há uma troca, assim como a sociedade fornece matéria-prima para a confecção do texto literário, o texto literário serve de certa forma, como um instrumento para se conhecer a estrutura social de uma população.

Os três contos destacados neste artigo, possibilitam aos leitores um olhar acerca da sociedade de meados do século XIX, mostra um painel das classes sociais, a luta dos

personagens pertencentes à classe baixa contra os de classe alta, bem como a luta pela liberdade e por melhores condições de moradia e, principalmente de vida.

Percebi neste estudo a existência de um caráter social nas narrativas de Inglês de Sousa, pois o narrador apresenta a história dos moradores da região Amazônica durante a Guerra do Paraguai e a Cabanagem. Mostra os conflitos econômicos, políticos e sociais enfrentados pela sociedade, como nos fala Fábio Lucas (1987), acerca da obra que possui um caráter social, pois para o teórico, a obra que possui um caráter social é aquela que aborda um problema social, mas também mostra suas causas. É o que faz Inglês de Sousa em seus três contos, denuncia dentro da literatura as mazelas sociais.

### Referências

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo (Org.). *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1965.

CORRÊA, Paulo Maués. *Inglês de Sousa em Todas as Letras*. Belém: Paka – Tatu, 2004.

CORRÊA, Paulo Maués. *Contos Selecionados de Inglês de Sousa*. Belém: Paka – Tatu, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do Texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental e obras fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUNT, Lynn (org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *A nova história*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

- LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da ficção do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira (Realismo)*. 3. ed. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1996.
- OLIVIERI, Antônio Carlos. *Por que ler O Missionário (prefácio)*. In: SOUSA, Inglês O Missionário. São Paulo: Ática, 1987.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. 3.ed. Rio de Janeiro / Brasília: José Olympio / INL, 1973.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Escritos da Maturidade*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- SALLES, Vicente. *Introdução*. In: DOLZANI, Luiz. *História de um pescador / Scenas da vida do Amazonas*. 2. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de Cultura, 1990.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- SOUSA, Inglês. *Contos Amazônicos*. PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro (Org). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**LITERATURE AND HISTORY IN TALES *VOLUNTÁRIO*, A  
*QUADRILHA DE JACÓ PATACHO* AND *O REBELDE*  
BY INGLÊS DE SOUSA**

**ABSTRACT**

In this work we propose the accomplishment of a study considering the narratives *Voluntário*, *A Quadrilha de Jacó Patacho* e *O Rebelde*, written by Inglês de Sousa, having as starting point the literary text as a supplying object of subsidies for the identification of a specific social group reality. We analyze the social and economical conflicts present in the narratives, observing the dialogue established between Literature and History, and Literature and Society. From this dialogue we verify how the literary text uses the conflicts and events from the real world and reconfigures them in the fictional environment, showing that the literature produced by Inglês de Sousa holds a social character, since it denounces the problems faced by the population of Óbidos, in the period of Paraguay War and Cabanagem.

**Keywords:** literature, history, society, fictional environment.